

A CIDADE E O CONSERVATÓRIO NA CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS

Anderson Ferrari¹

Resumo

O Conservatório de Música Lia Salgado foi fundado em 1956, na cidade de Leopoldina como parte de um projeto de educação mais amplo de investimento nas Artes. Considerando a importância deste projeto, estamos interessados em discutir os processos de subjetivação a partir deste espaço e das artes. Processos de subjetivação que dizem das diferentes maneiras e mecanismos de constituição dos sujeitos, envolvendo discursos, práticas, mecanismos, espaços, histórias. Como essa relação Cidade-Conservatório se constrói e se sustenta bem ao método arqueológico de Foucault, ou seja, uma escavação no sentido de descortinar as práticas e os discursos que foram nos atravessando e constituindo o que somos como sujeitos e “isso” que chamamos “realidade”?

Palavras Chaves: Conservatório de Música – Educação – Processos de Subjetivação

THE CITY AND THE MUSIC CONSERVATORY IN THE CONSTRUCTION OF INDIVIDUALS

Abstract

The Lia Salgado Music Conservatory was founded in 1956, in the city of Leopoldina, as part of a broader education project on investment in the arts. Considering the importance of this project, we are interested in discussing the processes of subjectivity from that space and from the arts. These processes of subjectivity reveal the different ways and mechanisms of formation of individuals, involving speeches, practices, mechanisms, spaces, stories. How is the

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

relation between the City and the Conservatory built and well supported in Foucault's archaeological method, that is, an excavation in the sense of uncovering the practices and the speeches that have been crossing us and composing what we are as individuals and what we call "reality"?

Keywords: Music Conservatory. Education. Processes of Subjectivity.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada no campo das Ciências Políticas. Uma área de conhecimento que tem como interesse as teorias e práticas da Política. Neste sentido, podemos dizer que as cidades e as relações que se desenvolvem no seu interior constituem-se como campo problemático de investigação das Ciências Políticas. Como organizador desse campo temos as múltiplas e diversas relações de poder que atravessam os espaços e as pessoas em negociação, confronto, disputa, enfim, relações de poder que dizem da constituição dos sujeitos. Em última análise é possível afirmar que as Ciências Políticas discutem Poder. Assumindo esse foco de investigação queremos pensar o poder inspirados pelos trabalhos de Michel Foucault (1988), que dedicou parte de seus estudos a esse aspecto da constituição dos sujeitos. Para Foucault (1988) deveríamos falar em relações de poder e não em Poder, de forma que o centro de seu interesse estava nas relações, entendendo-as como um jogo de forças que atravessam as pessoas, os discursos, as práticas, enfim, que vai de um a outro em meio a esses processos que nos convidam pensar como nos tornamos "isso" que nós somos. São esses processos que aqui serão tomados como educativos que estamos interessados e que fazem com que nosso foco se desloque das Ciências Políticas para a Educação.

Com esses argumentos tomamos a cidade de Leopoldina como espaço privilegiado da pesquisa de Mestrado. E, na cidade, nos interessava, mais especificamente, o Conservatório

Estadual de Música Lia Salgado. Em funcionamento desde 1956, o Conservatório tornou-se uma instituição de formação do ensino de arte, em especial a música em Leopoldina – município da Zona da Mata mineira – com aproximadamente 51 mil habitantes e que tem sua economia centrada na atividade agropecuária. Tornou-se referência da expressão artística na cidade. Neste sentido, nos interessa pensar como esse espaço foi se constituindo e ainda hoje se mantém como espaço de constituição de sujeitos. Compreender os fundamentos desta relação no que se refere à constituição dos sujeitos era algo que nos inquietava profundamente. Procuramos analisar as relações que atravessam a constituição desses sujeitos como alunos de um Conservatório Estadual de Música, como moradores de uma cidade do interior de Minas, ou seja, como alunos e moradores de uma cidade do interior de Minas que tem um Conservatório de Música fruto de um contexto histórico, de um tempo-espaço outro que se relaciona com a ideia de cidade e de sujeito, de passado-presente. Como essa relação Cidade-Conservatório se constrói e se sustenta bem ao estilo arqueológico de Foucault, ou seja, uma escavação no sentido de descortinar as práticas e os discursos que foram nos atravessando e constituindo o que somos como sujeitos e “isso” que chamamos “realidade”?

Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizada a metodologia de grupo focal, constituído por dois conjuntos: o primeiro composto por alunos em curso e o segundo por alunos egressos, ambos participaram de uma entrevista aberta e filmadas, cerca de 3 horas cada uma. Além disso, também analisamos edições e artigo publicados no jornal “A Gazeta de Leopoldina” e as Atas de Fundação do Conservatório. No que concerne à metodologia utilizada, foi elaborado um roteiro de entrevistas abertas acompanhado de músicas e filmes², utilizados como suporte e detonadores da discussão.

² Foram utilizadas duas músicas. A primeira “Mineira Gostosa, Minha Cidade”, música do compositor popular leopoldinense Serginho do Rock; e a segunda “Cidadão” composição de José Geraldo. Além disso trabalhamos também com o documentário “O Poder Transformador da Música”, que apresenta um contexto sobre o poder da música como interação com os outros aspectos da cultura.

Os alunos participantes desse trabalho foram subdivididos em dois grupos de quatro, visto que, tratava da visão de alunos que passaram pela escola e os que ainda estão em cursos. A partir desse momento, os grupos serão denominados *A.A* alunos atuais – e *A.E* – alunos egressos. Houve a preocupação em constituir grupos heterogêneos. O grupo *A.A* foi formado por alunos de ambos os sexos, na faixa etária compreendida entre 14 e 33 anos, ainda em curso, estudantes de diferentes instrumentos do curso de Educação Musical (Fundamental) e Ensino Profissionalizante (Médio). O grupo *A.E* constituiu-se por homens e mulheres com faixa etária entre 18 e 25 anos, formados em diferentes cursos técnicos oferecidos pelo Conservatório. Este artigo vai procurar estabelecer a relação da escola com a cidade, na construção de sujeitos, ou seja, como percebemos, na fala dos entrevistados, sua constituição, a partir das vivências no Conservatório, e como essas vivências influenciaram suas práticas sociais. Os sujeitos se constituem a partir das “muitas práticas discursivas, os variados saberes, que, uma vez descritos e problematizados, poderão revelar quem é esse sujeito, como ele chegou a ser o que dizemos que ele é” (VEIGA-NETO, 2005, p. 138).

RELAÇÃO DO CONSERVATÓRIO COM O SUJEITO

O fato de o Conservatório fazer parte do patrimônio cultural da cidade já convida os habitantes de Leopoldina e localidades circunvizinhas a repensarem o papel da arte na vida de seus cidadãos e da comunidade. Como neste processo de transfiguração do olhar, o Conservatório é um dos principais indutores da mudança de percepção dos indivíduos, no que concerne à relação entre arte e sociedade, cabe questionar quais as motivações que levaram os alunos a ingressarem nesta escola de artes. O que os impulsionou a estudar música?

Eu acho que o Conservatório é o sonho de mamãe, ela achava bonito. Como a minha mãe não teve, ela falava vai. Então eu fui (JANY, 28 anos, A.A.).

Minha mãe falou do conservatório. Ela sempre gostou muito, principalmente de flauta, queria que eu tocasse para ela. Quando fiz sete anos ela me matriculou (LAIR, 14 anos, A.A.).

O que me levou foi minha família de músicos. Minha mãe dá aulas lá. Meu avô (paterno) também era maestro de banda. Minha avó dava aulas de piano em casa, quando pequeno minha mãe me levava para a sua sala de aula (SAMIR, 20 anos, A.E.).

Ao analisarmos os depoimentos, observamos que os alunos foram matriculados no Conservatório para realizar a vontade de seus pais naquilo que eles não conseguiram ser ou não puderam fazer em determinados momentos de suas vidas, geralmente algo relacionado à arte ou à profissão. Essa prática demonstra uma forma de condicionar o sujeito, impedindo-o, às vezes, de viver experiências por meio de suas próprias escolhas, um exemplo do funcionamento da família como instituição disciplinar, na produção de “corpos úteis e dóceis” (CASTRO, 2009, p. 112). Mais especificamente, podemos perceber que os alunos do Conservatório foram influenciados por suas mães, fator que realça uma questão de gênero³, já que os pais tendem a influenciar seus filhos homens para o esporte, particularmente o futebol. Note-se que, em suas origens, o Conservatório era formado exclusivamente de professoras e alunas, sendo a arte uma das atribuições do papel de gênero feminino.

³ Gênero está relacionado com os comportamentos masculino e feminino e não com o sexo biológico (nascer homem ou mulher). Seu conceito traz a ideia de que cumprimos “papéis”, na maneira como eles são usados no teatro, fazendo analogia, na vida social, a que existem papéis previamente determinados para os indivíduos atuarem como homens ou mulheres. Nesta compreensão, cumprimos “papéis sexuais culturalmente construídos em posições que derivam do sexo biológico a que pertencemos” (PISCITELLI, 2008, p. 24).

Se considerarmos a família como uma das instituições que regulam e disciplinam, podemos admitir que a base familiar é o ponto de partida para indagarmos a nossa constituição enquanto sujeitos. A família, como primeira instituição disciplinar, já possui discurso pautado em suas verdades - construídas conforme valores vigentes em cada época. Isto nos permite inferir que, em relação à arte, o aluno que ingressa no Conservatório já traz consigo concepções elaboradas, a partir da vivência familiar, influenciadas pelo modelo hegemônico europeu que predominou na constituição da cidade.

Entretanto, em meio século, são notórias as transformações ocorridas no âmbito da estrutura e das relações familiares no Brasil e no mundo. Em Leopoldina, não poderia ser diferente. Alterados os valores, o conceito de arte também se modifica, isto é, altera-se a “vontade de verdade” que, segundo a perspectiva foucaultiana, compreende conjunto de valores e princípios aceitos como verdadeiros em certa época. Em 1956, momento em que o Conservatório iniciou suas atividades, predominava em Leopoldina o pensamento e a influência das famílias descendentes da oligarquia agrária. Para eles, a arte era componente imprescindível da formação humanística de seus filhos. É possível que, naquele momento, o ensino musical pautado nas tradições européias atendessem aos anseios da população.

Atualmente, o modelo baseado na reprodução da música erudita européia, contrapondo-se à escassez das composições ameríndias ou africanas e de composições populares, próprias, ou de autores locais é contestado e criticado, fazendo com que os próprios alunos reivindiquem a introdução dos seus estilos musicais como forma de atrair mais alunos. Esse afastamento do que interessa a seus estudantes demonstra um entendimento de arte musical distinto que está sendo preservado pelo Conservatório no que diz respeito ao currículo. Nascido de uma tradição erudita é difícil para o conjunto de professores pensar outras propostas que rompam com essa continuidade histórica. No entanto, muitas vezes isso parte dos alunos

que acabam trazendo para o interior do Conservatório reivindicações de um tipo de música mais próxima ao que vivenciam no cotidiano da cidade, questionando assim a matriz da educação musical no Conservatório:

Realmente o Conservatório fica preso no clássico, então vai ver que é isso, uai, pode ser, não sei. Comigo foi. Se eu não corresse atrás da MPB, lá dentro, eu não tocaria (RUBIA, 23 anos, A.E.).

Respostas para esses questionamentos talvez tenham sucumbido no silêncio dos sujeitos, ora nos espaços do Conservatório e ora nos espaços da cidade, divididos e classificados pelo poder de controle do discurso, que na perspectiva foucaultiana, evidencia as relações de força presentes quando discutimos saber-poder. Estabelecidas entre indivíduos em disputa, o discurso muitas vezes serve a reprodução. Reprodução que está ancorada nas mãos dos alunos que trazem uma imagem idealizada do Conservatório, presa ao passado. Pode estar presente também no conjunto dos professores que mantêm um currículo tradicional erudito contra as demandas dos alunos. Independente dessas reproduções, o que nos parece importante ressaltar é o caráter produtivo do poder (FOUCAULT, 1988), ou seja, esse conjunto de ações atravessadas por relações de poder estão produzindo sujeitos e construindo ou mantendo a imagem do Conservatório como espaço da arte erudita. Mas poderíamos arriscar uma primeira resposta sobre a razão de estudar no Conservatório estar mais no gosto da mãe do que no próprio: uma defasagem entre a sociedade plural em que se vive e aquela em que predominava o modelo europeu, sobretudo no que se refere aos parâmetros da arte. Parece que o estudante não encontra na escola o que procura, ou seja, a cultura na qual está imbuído (traduzida na cultura de massa), ou, pelo menos, uma ponte entre esta e outra mais elaborada, entendendo-se cultura como “o complexo dos padrões de comportamento [...] transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade” (FERREIRA, 1988, p. 191).

Somando-se a essa defasagem cultural, surge uma frustração em relação ao instrumento que encanta o estudante: “*Eu queria estudar piano, e fui inscrito lá simplesmente para tocar flauta e violão, foi uma frustração muito grande*” (NALAN, 33 anos, A.A.). O fato de que a burocracia da escola limite a escolha do instrumento pelo qual o aluno quer se expressar musicalmente é mais uma das prováveis causas da grande evasão, tornando conflituosa a relação do sujeito com a escola.

Talvez seja necessário um longo período para que a visão crítica se faça presente, de forma expressiva, em nossa sociedade e na escola, e para que os sujeitos estejam aptos a identificar a falácia presente em certos discursos. Mas já é possível perceber, a partir de alguns dos entrevistados, certa insatisfação com a metodologia de ensino vigente e com a falta de conexão prática entre a realidade/desejo dos estudantes e o que é ensinado no Conservatório. Afinal, mudam-se os tempos, alteram-se as verdades, e a escola permanece nos moldes em que a burguesia a constituiu na modernidade: construída de cima para baixo, reproduzindo “verdades” e alheia ao desejo de sua clientela (LIBÂNEO, 2006).

Eu acho que falta uma atualização na forma de ensinar lá... Realmente o Conservatório fica muito preso no clássico, na tradição de antigamente. Acho que tem que ter abertura para os alunos que querem aprender de imediato. Existe uma tentativa de renovação por parte de vários professores, de fazer cursos, de tentar inovar. Mas é difícil você tentar quebrar o sistema que já existe há muitos anos, é muito complicado você mudar. Essa transição é gradativa e a pessoa tem que querer (LÉCIA, 25 anos, A.E.).

Conforme aponta a fala dos alunos, com a abertura de novos cursos, o Conservatório “Lia Salgado” permaneceu voltado para a formação de instrumentista virtuose de caráter erudito. Evidencia-se, portanto, que embora o discurso predominante na sociedade fosse o de valorização de formas não exclusivamente européias e eruditas de expressão artística,

o Conservatório não soube perceber esta alteração na “vontade de verdade” e ao manter seu discurso focado em aspectos que não mais encontravam total aceitação na realidade, passou a ser questionado pelos sujeitos sobre os quais deveria exercer influência e poder.

Até aqui, pudemos perceber que os alunos questionam a escola, especialmente no que se refere à autonomia que ela (não) lhes dá, à participação nas decisões curriculares e pedagógicas que lhes é negada. É nítida a vontade dos discentes em interferir nos destinos da escola e em fazer valer seus desejos, mas o Conservatório conserva o padrão impositivo e não percebe o querer dos alunos, seja na escolha do instrumento (“*eu queria estudar piano e fui inscrito para tocar flauta e violão*”), do estilo de música, ou na pluralidade cultural do que se estuda (“*realmente o Conservatório fica preso no clássico*”). O resultado desse distanciamento de interesses tem gerado frustração e evasão.

Isso nos faz refletir, junto com Foucault (apud CASTRO, 2009 e VEIGA-NETO, 2005), sobre a escola moderna como instituição disciplinar, que o Conservatório, apesar de trabalhar com arte (cuja essência é criatividade e liberdade), constitui-se em legítimo exemplo. Enquanto Adorno (apud LIBÂNEO, 2006, p. 30) “fala da formação cultural como possibilidade de libertação individual dos mecanismos coercitivos e de imposição da indústria cultural”, o Conservatório não ouve a voz de seu corpo discente, cerceando sua liberdade e matando sua criatividade, quando reproduz a disciplina gerada numa estrutura onde apenas a administração tem voz.

Entretanto, a escola não é apenas negatividade. Muitos resistem e encontram nela seu espaço de produção artística e de discursos de resistência, principalmente nos grupos musicais existentes, como nos mostra Lécia: “*Pois eu acho que lá no Conservatório, fica nítido, assim, como que a música une certos grupos, vários grupos se interagem. Os grupos do Conservatório se renovam*”(LÉCIA, 25 anos, A.E.). A partir deles, a arte musical provoca mudanças nos sujeitos, não apenas na sua

performance, mas na sua constituição e na autoria de suas vidas, quando a criatividade pode surgir como ferramenta para talhar a vida como obra de arte, lembrando a “estética da existência” de Foucault, em que “a vida, como *bios*, é tida como o material de uma obra de arte” (CASTRO, 2009, p. 150).

Eu acho que quando a gente trabalha a arte, trabalha a música, você vai trabalhar criatividade, expressão corporal, você vai tirar a timidez da pessoa, você trabalha o corpo, comunicação. Acho que a pessoa que estuda música vai trabalhando seus sentimentos, a forma de expressar. Então eu acho assim: a pessoa que faz arte de certa forma ela é influenciada a argumentar mais as coisas, a se expressar melhor, a questionar. Porque quando você vai tocar música de certa forma você está se expressando o que está dentro de você. Você está mostrando o seu ponto de vista, seu íntimo. Você trabalha essas questões, então você fica uma pessoa mais criativa (LÉCIA, 25 anos, A.E.).

E é a mesma Lécia quem vai nos mostrar os efeitos da educação musical nos sujeitos e no seu coletivo, produzindo relações afetivas, aumento da sociabilidade, ampliação do espectro estético, criatividade, auto-centramento. Qualidades do sujeito necessárias ao cidadão responsável por constituir uma sociedade mais coesa, democrática e participativa:

Você vê nitidamente uma turma que nunca estudou música. Eu falo da música porque eu trabalho com música. Uma turma que nunca teve contato, depois de seis meses ou um ano, você vê interação de coletividade, grupo, concentração, estética musical, a parceria do grupo, criatividade. Eu acho que a música desenvolve tanta coisa que nem tem como descrever aqui (LÉCIA, 25 anos, A.E.).

Entretanto, no próprio Conservatório, essa ampliação do coletivo e a participação política possível, a partir da vivência artística, não produziram a experiência política concreta de criação de um grêmio estudantil. Grêmio este que, se criado,

poderia ser uma ótima resposta de resistência dos alunos frente às negativas da escola à sua efetiva participação nas instâncias decisórias, especialmente quanto ao currículo, à escolha de instrumento e ao estilo musical. Afinal, o que é educar para a cidadania senão criar espaços de participação do sujeito onde este exercitará sua liberdade? Para Foucault (apud DINALI, 2010, p. 33), o sujeito pode se constituir de duas formas: “através de práticas de sujeição ou de maneira mais autônoma, através de práticas de liberdade”. No Conservatório, o que se observa é que essa necessária liberdade, para a arte e a cidadania, não encontra muito espaço e a escola perde a chance de dar ao aluno a “condição de sujeito do próprio conhecimento” (LIBÂNEO, 2006, p. 25).

Tocar um instrumento é divino, é divino. Realmente quando nós começamos a ganhar essa intimidade com o instrumento, torna-se uma relação de intimidade mesmo, o instrumento e o ser humano, eu sempre falo isso, quando estou tocando eu estou conversando com Deus. É muito interessante essa relação, porque ela é muito maior...é uma relação que busca equilíbrio, que me aproxima desse divino. Você cria ali toda uma força divina, uma força diferente que realmente é inexplicável, a cada dia que você evolui tem mais intimidade com o instrumento, você se sente realizado (NALAN, 33 anos, A.A.).

A música te faz voltar no tempo. Tem música que você escuta e às vezes você não vivenciou aquilo mas, por você saber da história, da vida do compositor ou do momento que ele está passando ali, um momento político, muitas vezes um momento histórico, um problema social, a música pode contextualizar várias situações (RUBIA, 23 anos, A.E.).

Você pode expressar um sentimento, pode expressar alguma revolta, algum questionamento. A arte pode contar um pouco a história do ambiente em que você vive, da cidade. Pode interpretar a arte de várias formas: pode contar a história de sua cidade, pode

compor, recitar... influencia totalmente as pessoas. A arte, não só a música, desenvolve concentração, o senso crítico, o estético, coordenação motora, etc. (LÉCIA, 25 anos, A.E.).

Se o contato individual com a arte/música provoca elevação do espírito, força, equilíbrio, ou uma viagem no tempo, ampliando também os horizontes intelectuais do estudante, seu senso crítico, estético e motor, pode também arremessá-lo para fora de si, para os ganhos sociais, quando a habilidade adquirida na escola de música faz diferença na sua relação com a sociedade, como explicita Samir: “*As pessoas que tocam um instrumento é sempre bem vindo no grupo, chama atenção*” (NALAN, 33 anos, A.A.).

Nessa abertura para o social, Nalan indica as possibilidades profissionais e de inserção no mundo cultural da cidade que podem ser conquistadas por alguém que cursou o Técnico em Instrumento no Conservatório: “*A música, eu acho que, além de tudo, além das possibilidades profissionais que traz, de um curso técnico, isso é fato, né!? Ainda assim temos a opção de participar de algo cultural, eu sempre estou ligado à cultura*” (NALAN, 33 anos, A.A.).

RELAÇÃO DO CONSERVATÓRIO COM A CIDADE

Difícil responder isso, exatamente por essa divergência social, você busca esse ensino erudito na música, você acaba distanciando de certa maneira das pessoas. A não ser que houvesse uma pré-disposição de nós mesmos nos reunirmos. Ou! Agora que coisa interessante, eu mesmo nunca tive pensado nisso na verdade, são ideias diferentes, idades diferentes, estamos tão próximos e tão distantes com a sociedade de maneira geral. Tem gente que curte a arte que é ensinada no Conservatório, mas a grande maioria não. Então fica difícil essa relação! Essa relação, ela quase não existe, a não ser por esse grupo de relacionamento que é formado pelos alunos e professores (NALAN, 33 anos, A.A.).

Podemos perceber, neste depoimento, que Nalan indica que é através de seu corpo discente e docente que o Conservatório se relaciona com a cidade. Mas Nalan também ressalta que essa relação “quase não existe”, pois a instituição não fala a língua do povo, isto é, ministra uma cultura erudita que não é a mesma a que o povo da cidade tem acesso. Isso demonstra um lapso que separa a escola da cidade e nos faz deduzir que, em 50 anos de existência, o Conservatório não produziu projetos para efetivamente interferir na cidade, ou pelo menos para aproximar seus discursos. Constituiu-se numa ilha cultural, rodeada por uma população massificada pela indústria cultural, não se prestando como ferramenta social e política de emancipação dessa mesma população. Disso, as rádios da cidade são um exemplo, pois não tocam as músicas valorizadas na instituição educacional e esta, nem sequer tem um programa nos meios de comunicação de massa para estabelecer uma ponte com o cidadão.

Como os alunos são os principais canais de comunicação da escola com a comunidade, torna-se necessário que o Conservatório dê voz a eles, como eles almejam em muitos depoimentos do tópico anterior. É necessário que a escola os conheça para, quem sabe, experimentar alternativas educacionais e aplicar seu Projeto Político Pedagógico, criando assim possibilidades para uma sociedade melhor, mais participativa, mais cidadã, enriquecida com um leque cultural mais vasto e mais livre do discurso único da indústria cultural.

Do contrário, a sociedade local se mantém refém do discurso pronto da cultura massificada, difundida pelas mídias, mas também pelos professores e sistemas educacionais. Lembrando que esses discursos não são isentos e que, produzidos pela indústria cultural, constituem sujeitos e uma realidade social voltados apenas para o mercado. Não deveria, neste caso, uma escola pública de arte questionar esse discurso e oferecer-lhe alternativas, nos termos do que nos diz Moita Lopes?

O discurso como uma construção social é, portanto, percebido como uma forma de ação no mundo. Investigar o discurso a partir dessa perspectiva é analisar como os participantes envolvidos na construção do significado estão agindo no mundo por meio da linguagem e estão desse modo, construindo a sua realidade social e a si mesmos (LOPES, 2002, p. 31).

E, segundo Foucault (2005, p. 53), “o sujeito não é um produtor, mas é produzido no interior de saberes”. É o que a gente observa nas pessoas ou nos alunos oriundos do Conservatório: a grande maioria tem dificuldade de envolvimento, de participação efetiva no que diz respeito à cidade. Resultado da não conexão do discurso pronto de caráter erudito produzido pela escola com as influências da cultura de massa que atinge a sociedade local. Essa distância entre a escola e a cidade também é percebida na fala de Rúbia, mas sempre com enfoque no paradoxo entre erudito (clássico) e popular:

Eu fico pensando: por que tem tantos alunos, de outras escolas, que tocam em banda e que não estudam no Conservatório? Todos eles falam: é porque o Conservatório é muito lento e eu não tenho paciência. Eles não querem aprender música clássica, muita gente não gosta. Eu mesma, quando quis tocar MPB, eu corri atrás, tem professores que ensinam, são poucos, mas tem (RUBIA, 23 anos, A.E.).

Ela, inclusive, propõe uma mudança nesse sentido: “*Eu acho que uma alternativa é montar um curso de música popular aliado à música clássica*” (RÚBIA, 23 anos, A.E.). Apesar de querer culpar a música clássica pela distância entre o Conservatório e a comunidade, na sua fala, entretanto, também aparece a percepção de um ensino lento e pouco eficaz na capacidade de fazer o aluno tocar logo e tocar o que se busca. Mais uma vez, percebe-se que o desejo do aluno não é satisfeito. Isso também fica claro na fala de Lécia:

Quem disse que música tem que ser só música erudita tecnicista? Eu acho que tem que ter abertura para esses alunos que querem aprender de imediato. Não sei, tem pessoas que gostam do que fazem ali. Eu sinto que querem melhorar, mas eu acho que é preso, não sei como funciona. Porque a gente tem que aproveitar esses artistas, esse tipo de público também. Acaba que a população fica assim: ah! Eu não quero ir lá para aprender assim, eu não quero aprender muito lento (LÉCIA, 25 anos, A.E.).

Samir também acha que a dicotomia entre música clássica e música popular está na origem do distanciamento entre a sociedade leopoldinense e o Conservatório, afastando os alunos. Ele parece atribuir ao ensino da música clássica a dificuldade em aprender e, por isso, um aprendizado lento. Assim, ele propõe alternativas:

Estava pensando, sabe? Uma matéria em aberto, você não é obrigado a fazer ela, então faz quem quer aprender além da música clássica. Eu tive colegas que falava assim: eu parei o Conservatório porque eu fiquei uma semana lá na aula e não aprendi nada, sendo que uma semana na aula particular eu aprendi o que eu ia aprender lá em um mês. É claro que os professores têm um cronograma a seguir, eu acho. Não é que os professores estão errados. Tinha que ter uma renovação vindo de cima, do currículo, do cronograma, do pensamento. Acho que falta, sei lá, é cursos de música popular, não sei. Acho que tem que ser questionado o ensino de todos os Conservatórios, não só o de Leopoldina, porque o que acontece aqui acontece nos outros (SAMIR, 20 anos, A.E.).

Contudo, além de o Conservatório se relacionar com a cidade constituindo-se ou não como pólo de atração de possíveis alunos, essa relação também se dá por intermédio de apresentações em comemorações cívicas, desfiles, recitais internos, festa do folclore e, atualmente, a Cantata de Natal, momentos em que ele se torna motivo de orgulho dos leopoldinenses:

Eu vejo que o Conservatório é a menina dos olhos da cidade. Sete de Setembro, Feira da Paz, quando desfila, o pessoal fica doido, eles ficam emocionados de ver a gente que está ali tocando. O pessoal bate palmas, aquele sorriso, meu Deus! É uma coisa muito bacana. É muito lindo! Eu vejo que é muito bom o Conservatório da nossa cidade (JANY, 28 anos, A.A.).

Ainda que o Conservatório se faça presente na comunidade por meio de apresentações públicas e que este tipo de performance agrade boa parcela da população, observa-se que na maioria das vezes a arte levada a público é aquela considerada “arte espetáculo”, isto é, aquela utilizada apenas para fins de exibição, por meio de performances públicas, sem produzir profunda transformação nos padrões culturais. Dentro dessa transformação, devemos ressaltar a importância de libertar a população dos grilhões da indústria cultural e resgatar as sutilezas do sentido da audição e do silêncio.

Denota-se, inclusive, que os alunos com visão mais crítica sentem a falta dessa integração mais incisiva entre o Conservatório e a cidade - o que acarretaria fomento da cultura local, por meio de parcerias:

Eu percebo que faltam políticas públicas que integrem o Conservatório à cidade (NALAN, 33 anos, A.A.).

Acho que o Conservatório podia interagir mais, chamar mais a comunidade. Sinto que têm vários grupos: forró, pagode, grupos que não têm contato com o Conservatório. Tem que tentar trazer esses grupos para interagir (LÉCIA, 25 anos, A.E.).

Percebe-se, portanto, que uma forma eficaz de o Conservatório fazer-se presente na comunidade e, assim, propagar seu discurso de forma mais incisiva, seria por meio da execução de projetos que fomentassem a cultura local e promovessem a integração e transformação social. Talvez isto ainda não ocorra devido à falta de percepção, por parte desta escola de artes, do papel que lhe cabe desempenhar enquanto

pólo difusor de cultura e desenvolvimento social. Certamente, este novo olhar contribuiria para maior valorização deste núcleo de arte e cultura e, conseqüentemente, da própria cidade, haja vista o fato de ela deixar-se influenciar, ainda que de maneira indireta, pelo discurso emanado do Conservatório.

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS

Para se falar de políticas públicas culturais, é necessário lembrar a realidade municipal. A Secretaria Municipal de Cultura foi criada na gestão municipal de 2005/2008, mas não foi instalada, vindo a ser em 2009, por apenas 4 meses. Hoje, responde pelo setor, o Secretário Municipal de Esportes, Lazer e Turismo. Não há Conselho Municipal de Cultura efetivamente atuando, nem um Plano Municipal para a cidade. Além disso, quase todas as iniciativas culturais são particulares inclusive a manutenção do museu “Espaço dos Anjos”, na casa onde residiu o poeta Augusto dos Anjos. Nesse contexto de falta de integração e de iniciativas individuais, a participação do Conservatório na cidade também é percebida de forma isolada. Talvez isso se deva pelo fato de, tanto a cidade quanto a escola, não terem um norte definido para sua política de ação cultural.

Eu percebo que falta políticas públicas que integrem o Conservatório à cidade. Voltando um pouco na história da música, como é que eu falo, assim, exclusiva do clero e da nobreza: só tinha acesso à cultura musical quem era dessas classes. E hoje, não. Existe esse contato, essa proximidade popular, qualquer um tem acesso. Se houver um incentivo dos nossos representantes públicos, por exemplo: nossos representantes reservam verbas para o carnaval. É cultura. Por que não reservam recursos para promover eventos que estimulem essa proximidade da sociedade, do poder público e do Conservatório? Juntar esses três pilares e criar um estímulo, quem sabe, através, por exemplo, de festivais? Por que Leopoldina não tem um festival de música, talvez instrumental?

Quem vai participar? Os alunos do Conservatório. Quem é que não gostaria de participar disso? Acho interessante, mas falta o quê? Um incentivo público para essa arte. E a arte, historicamente, é questão de condução. Veja bem: a China em 1300, tinha poder bélico para dominar o mundo e ela preferiu investir todo o saber dela em arte e tornou-se um grande país, né!? (NALAN, 33 anos, A.A.).

Nalan, em sua fala, além de confirmar o imobilismo da Prefeitura em prol da cultura (exceção para o Carnaval), demonstra que não há integração entre os atores culturais. Além disso, ele sugere que todas as classes têm acesso ao Conservatório e ao ensino de música, diferentemente do que foi no passado da própria escola, o que é um ótimo instrumento de ampliar o leque cultural da população, desde que haja mais incentivos governamentais. Sugere, inclusive, caminhos de integração, como um festival de música (já que já existe, na cidade, um festival de poesia em homenagem a Augusto dos Anjos, patrocinado pela Prefeitura, há cerca de 20 anos).

É importante ressaltar que, quando nos referimos a políticas públicas culturais, não estamos nos fechando apenas na promoção das artes, mas também nos debates sociais que questionarão a própria estrutura social: sua divisão em classes, seus preconceitos, seu possível imobilismo, sua acomodação no consumo exclusivo dos produtos da indústria cultural. Como entrevisto na fala de Nalan, investir em cultura significa cultivar um pensamento autônomo, criativo e capaz de transformar as estruturas arcaicas e opressoras de nossa sociedade, tornando-a plural, diversa, livre e contribuinte da construção de “*um grande país*”.

A sociedade leopoldinense está repleta de suas contradições e exclusões, como ficam demonstradas nas falas de Jany (preconceitos, imobilismo social, padrões e comportamentos rotulados) e de Lécia (interdições, territórios exclusivos, separação de classe) transcritas a seguir:

Tem né, no bairro onde eu moro é uma coisa muito mesclada. Eu vejo, assim, muitas pessoas né, quando eu saio com meu violão nas costas... É isso sim, assim, não querendo voltar o assunto do rótulo, mas infelizmente há um preconceito. Acho, não. Eu tenho certeza. Ah! Essa menina toca violão. Não precisa ser igual à Jany! Toca uma flauta, inventa uma outra coisa! Inclusive para a cidade essas pessoas são muito omissas, elas não metem a cara para agir, aí fica vendo, fica vendo a gente e se omitindo, não se expande e, às vezes, não é nada. Fica onde fica e fica por isso mesmo. Poxa! A minha vida é isso, a minha vida é aquilo... Não se esforça (JANY, 28 anos, A.A.).

Normalmente as pessoas falam assim: eu não vou ao Clube do Moinho, porque lá só tem gente metida. Na realidade existe uma separação de classe, tipo: aquele lugar é o lugar do meu meio, do meu ambiente; as pessoas do meu bairro, da minha escola, frequenta aquele lugar. Existe meio que uma separação. A gente tem exemplo de banda, banda nova. Tem muita gente que não foi no Cutubas, lá eu não vou meio que, no Cutubas, rola Funk e quem vai é um determinado grupo. No outro evento, que foi na Usina Cultural, as pessoas que não foram lá no Cutubas por causa do lugar, na Usina, já foram. Porque na Usina tem uma coisa legal, é cult. Abrangência de públicos diferenciados. Como também tem gente que não vai à Usina por ser a Usina: lá é chique demais para as pessoas (LÉCIA, 25 anos, A.E.).

Reflexo de uma cidade que não se pensa a si mesma? Talvez somente uma política cultural eficiente e duradoura seja capaz de interferir nessa realidade social em vistas de sua transformação. Falar em transformação da sociedade é falar em um trabalho que só pode ser feito de forma coletiva, isto é, quando cada cidadão passar a enxergar-se enquanto parte integrante do todo, resultado de uma vivência individual e coletiva em ambiente crítico, regado a criatividade e autonomia de pensamento. Nalan, sentindo a aridez cultural das cidades do interior, propõe alternativa para se criar esse tipo de ambiente:

Será que não existe como criar um pólo cultural, com uma infra-estrutura mais enxuta, logicamente, para que pudesse dar mais oportunidade a quem está mais distante. O Brasil também tem essa questão né, eu sinto falta de algo que tem nas grandes cidades. No interior, às vezes, nós somos esquecidos. Às vezes, nós temos acesso a certos serviços, e pagamos caro por isso, porque no interior as pessoas são mais pobres financeiramente (NALAN, 33 anos, A.A.).

Mas, e o Conservatório? Não estaria em seu Projeto Político Pedagógico, enquanto estabelecimento público, fomentar a criação desse tipo de ambiente criativo, crítico e autônomo? Ele já não faz isso? Pelo que já percebemos, faz, parcialmente. Mesmo diante da grande evasão dos alunos, da pouca participação destes nas decisões da escola e dos métodos tradicionais, muitos dos alunos que passam por ele, principalmente os poucos que concluem lá seus cursos, apresentam histórias de vida mais proativas, criativas e com um leque cultural ampliado. Alguns dos ex-alunos do Conservatório já participaram de uma tentativa de reativar o Conselho de Cultura, participam de outros Conselhos Municipais, criaram ONGs, escrevem em jornais... Houve uma iniciativa de uma professora da escola de se criar um programa de rádio alternativo à cultura de massa ali veiculada, mas de curta duração. Alguns dos que passaram pela escola são educadores, palestrantes, preocupam-se com o patrimônio cultural local. Entretanto, sempre, atitudes isoladas e individuais. Não como política pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que buscamos mostrar neste artigo foi o impacto de um projeto educacional no campo das artes, especificamente, na Música para uma cidade do interior de Minas Gerais. Um projeto datado, que diz do investimento em outras formas de ser e estar no mundo e de participação política na cidade. O Conservatório Lia Salgado é parte da identidade da cidade de Leopoldina. A existência do conservatório deu origem a diferentes processos de subjetivação, minimamente trabalhamos com dois deles: os alunos e alunas egressos do conservatório e os professores que ainda permanecem na escola levando o projeto adiante.

Foucault já apontava para a necessidade de se pensar a subjetividade como processos de subjetivação, interligando estes processos a prática de si, ou seja, práticas pelas quais os sujeitos se formam, se constituem nas relações entre saber-poder. Para Foucault (1988), a constituição dos sujeitos e da subjetividade envolve processos singulares e históricos de se fazer à experiência de si. É esse lugar da constituição de si como alunos que passaram por uma educação voltada para a estética da música que buscamos analisar, argumentando que a passagem pelo Conservatório foi decisiva na constituição destes sujeitos e suas articulações com as políticas culturais da cidade. Terem sido alunos e alunas do Conservatório marcou a existência destes sujeitos, num processo de dessubjetivação-subjetivação que constitui a experiência de si.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução Ingrid Muller Xavier. Revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Kohan, Belo Horizonte, Autêntica, 2009.

DINALI, Wescley. O regimento interno do Colégio de Aplicação João XXIII – processos de subjetivações. In: FERRARI, Anderson. **Sujeitos, Subjetividades e Educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010. P. 21 a 35

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**. A vontade de saber. Tradução Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guillon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graall, 1988.

_____. **Instituições e discurso**: reflexão sobre o sujeito e o poder em Foucault. **Espaço acadêmico**, v. 7, n. 79, dez. 2005. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br/079/79benites.htm>. Acesso em: 20 dez. 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. A escola com que sonhamos é aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **A Escola tem Futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

PISCITELLI, Adriana. Janela para a diversidade. **Mente e Cérebro**: uma questão de gênero, São Paulo, 2008.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.